Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics

Journal homepage: www.ipebj.com.br/forensicjournal

Anais do II SimpoCrime – Simpósio de Criminal Profiling e Análise Criminal Comportamental

Proceedings of II Simpocrime – Symposium of Criminal Profiling and Behavioral Criminal Analysis

Received 5 September 2015

II SimpoCrime

Realização do Intituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos (IPEBJ)/
Forensic Science Investigation Brasil (FSI-Brasil)
Local: Centro de Convenções de Ribeirão Preto
Data: 29 e 30 de Agosto de 2015

Mediação de Conflitos: Transformando a Violência

Andressa Pellis Pimentel[1]

[1] *Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos (IPEBJ), Avenida Senador César Vergueiro, 505, Ribeirão Preto, SP, Brasil*

O trabalho constitui-se em uma revisão bibliográfica realizada a partir de diferentes fontes de pesquisas, buscando o diálogo como possibilidade de mediação em diferentes tipologias de violência. A violência hoje está presente nas casas, nas escolas, no trabalho, na rua, em diversos contextos que atingem principalmente as ditas “minorias”: como mulheres, crianças, idosos, negros, LGBT’s (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e a população de menor renda. O trabalho visa encontrar artigos que tratem da violência, oferecendo como um novo modo de pensar a justiça penal, o instrumento jurídico de mediação de conflitos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, que para a coleta de dados foram utilizados levantamento eletrônico de artigos indexados na base de dados SCIELO. Os descritores utilizados foram: mediação e violência. No total foram encontrados 18 artigos e foram selecionados oito artigos que continham a temática relacionada e estavam em português para análise. Dentre os oito artigos selecionados, a maioria foi escrito por autores da área da

Educação, Sociologia e Psicologia, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Os artigos foram publicados entre os anos de 2001 e 2011. A ideia central que todos os artigos trazem é sobre a mediação de conflitos como possibilidade de transformar as relações violentas que são criadas nos diversos contextos da vida cotidiana. Por fim, fazem-se algumas considerações sobre a mediação de conflitos que tem como parâmetros que os conflitos nascem de conversas que se tornam mal-entendidos, ou seja, a questão que diferencia essa temática é o foco na transformação de pessoas e diálogos, enfatizando o apreciativo. Vê-se que não há como negar que sempre existirão divisões, discordâncias e pré-conceitos, a mudança de olhar consiste exatamente em entender que as diferenças não podem resultar em opressão, agressão e preconceito, pois a violência não é a única, muito menos a melhor alternativa para a solução dos conflitos. Dessa forma, o foco em estabelecer um processo judicial seria menor, e a utilização por outros modelos de resolução de impasses seria mais valorizada.

Vestígios Psicológicos ou Comportamentais na Cena de Crime

Cássio Thyone Almeida de Rosa[1]

[1] Perito Criminal da Polícia Civil do Distrito Federal. E-mail: ctar65@yahoo.com.br

Anuschat afirma sobre vestígios: "*(...) constituem tudo que possa ser percebido como matéria, corpo, objeto, etc., que tenha ou possa ter ligação com o crime ou criminoso e que sirva a elucidação do crime e determinação da autoria"*. Zbinden se manifesta assim: "*Vestígios são as modificações físicas ou psíquicas, provocadas por conduta humana, de ação ou omissão, que permitem tirar conclusões quanto ao acontecimento que os causou, ou seja, o ato criminoso*". É nesse enfoque mais abrangente, onde são referidos os vestígios psíquicos ou imateriais (ditos comportamentais ou ainda psicológicos), que pretendemos centralizar nossa discussão. O Objetivo deste resumo é abordar a ocorrência de vestígios psicológicos nas cenas de crime, enfatizando a necessidade de uma maior atenção sobre o tema. A tradição formativa dos peritos brasileiros insere em nosso imaginário frases como "o perito trabalha sempre com o que se pode constatar materialmente", ou "o perito deve evitar, sempre que possível, tudo que possa ser subjetivo". É esse o arquétipo que a maior parte dos peritos levou para seus primeiros levantamentos. Formou-se assim a convicção de que vestígio é sinônimo de matéria, passível de sustentar o arcabouço da prática do *visum et repertum* – ou ver e repetir - consagrado naquela que foi denominada Criminalística Estática. A mudança do pensamento científico sobre a questão é apontada por Aragão discutindo a evolução para uma Criminalística Dinâmica. Dita evolução resultou na denominada Criminalística Pós-

Moderna, na qual o perito faz cotejos e interpretações. Com a postura inicialmente conservadora, muitos peritos acabaram por relegar o imponderável, o incomensurável, representado na cena de crime pelo vestígio imaterial, cuja ligação com o aspecto subjetivo parecia lógica. É tempo de atualizarmos nossos procedimentos e buscar compreender a que se refere o próprio conceito de vestígio imaterial. Soto Castro, numera as chamadas evidências comportamentais mais comuns: Aquelas que se extraem de declarações de vítimas, testemunhas ou suspeitos; as informações derivadas da documentação recolhida na cena de crime, como mapas, croquis, fotos, vídeos, etc.; as informações comportamentais derivadas das evidências físicas existentes e sua documentação em foto e vídeo; as feridas da vítima e sua documentação; as informações relativas ao campo da Vitimologia, ou seja, a sua ocupação, atividade, biografia, idade, características físicas, etc. Particularmente nos casos de prováveis suicídios, os vestígios comportamentais ganham uma relevância perceptível. Finalmente, a área denominada Análise Comportamental ou *Profiling Criminal*, considerada uma técnica forense ganha cada vez mais espaço. A análise do local de crime adquire, nesse contexto, uma importância fundamental, pois o cenário do fato criminoso será a fonte de informações para todas as interpretações que se possam extrair referentes às possíveis manifestações de ordem comportamental expressas pelo criminoso. A importância de se identificar e utilizar os vestígios psicológicos presentes nas cenas de crime, representa um ganho significativo na abordagem atual das ciências forenses.

Casuística envolvendo Vestígios Psicológicos ou Comportamentais na Cena de Crime

Cássio Thyone Almeida de Rosa[1]

[1] Perito Criminal da Polícia Civil do Distrito Federal. E-mail: ctar65@yahoo.com.br

O presente painel ilustra cinco casos nos quais os vestígios psicológicos podem ser identificados a partir de interpretações obtidas na cena de crime. São três homicídios e dois suicídios. Caso 1: 1992, em Brasília, um homicídio, cuja vítima, do sexo masculino, fora encontrada em seu apartamento, já em putrefação. O caso ficou conhecido como Caso *Satiricon*, graças a palavra *Satiricon*, escrita com sangue em um espelho. Os vestígios, além da própria palavra *Satiricon* foram: a disposição do corpo (posição em cruz); um quadro com um homem crucificado ao lado do corpo; um livro colocado sobre a região torácica da vítima; as lesões, em número de 30 feridas pérfuro-incisas. Caso 2: 2005, na cidade de Ceilândia - DF, um corpo é encontrado em uma estrada de terra. A

vítima teria sofrido um latrocínio. A ocorrência não é incomum, porém as características relacionadas à produção do óbito chamavam a atenção pelo grau de violência e brutalidade. Os autores identificados eram adolescentes com 16 e 17 anos. Os vestígios eram: a disposição do corpo, que estava sentado, encostado a uma estaca numa cerca de arame farpado, crucificado; lesões, representadas por fraturas, feridas contusas e contusões na cabeça, com esmagamento e perda de massa encefálica. No pescoço havia um cinto formando uma laçada. Caso 3: 2008, na cidade de São Sebastião - DF, em uma ocorrência de homicídio, a vítima, um homem, fora encontrada com uma lesão rara, uma emasculação completa, com os órgãos genitais sendo encontrados sob a cama. Os vestígios com conotação psíquica foram: a lesão nas genitais e inscrições na face externa do barraco. Caso 4: 2008, na cidade de Brasília - DF, ocorrência de *Cadáver Encontrado*. O local, um apartamento. A vítima encontrava-se caída no piso da sala, em putrefação. Entre o corpo e o piso havia uma faca. A lesão era uma ferida pérfuro-incisa na região esternal. Os vestígios: acúmulo de diversos itens e organização de objetos, com grande quantidade de lixo armazenado; deterioração do ambiente, com acúmulo de sujidades nas áreas de menor circulação e de acesso mais difícil; disposição de peças e objetos de pouca ou nenhuma utilidade prejudicando a convivência e a circulação das pessoas. Caso 5: Em 2006, na cidade de Brasília - DF, a ocorrência era de *Suicídio*. O local, um apartamento. A vítima projetara-se por uma das janelas do sexto andar. O corpo estava sobre o gramado da área verde defronte ao edifício. As lesões externas eram discretas, equimoses e escoriações. Os vestígios: organização de objetos (sete porta-retratos e diversas fotos espalhados sobre um tapete da sala); mensagem escolhida em uma bíblia que estava sobre uma mesa de madeira. A bíblia estava aberta, com uma moeda de vinte e cinco centavos exatamente na brochura entre duas páginas, servindo como um marcador. Na página direita, dizeres com clara *conotação de desilusão*.

Adolescentes sob Medida: o Desafio de Trabalhar em uma Abordagem de Grupos de Adolescentes em Conflito com a Lei

Mariana Conceição dos Santos Guariento[1], Adriana Roig da Costa[2], Simone dos Santos Paludo[1]

[1] *Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS*

[2] *Centro de Referência Especializado em Assistência Social, Rio Grande/RS*

A adolescência é um período do desenvolvimento humano marcado pela transformação do corpo, pelo questionamento do que foi aprendido na infância e pelo processo de

formação da identidade psicológica e cultural. Aliado a isso, adolescentes em situação de vulnerabilidade social seguem padrões culturais pouco variantes, sendo-lhes oferecidas poucas oportunidades de mudança de condição socioeconômica e de desenvolvimento psíquico, aspectos esses que podem ser perpassados por situações de conflito com a lei. Nesse sentido, o presente estudo é um recorte de um relato de experiência de estágio curricular em Psicologia, com o objetivo de refletir sobre a interação entre adolescentes em relação ao ato infracional cometido e ao cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS). Foram observados encontros grupais semanais de atendimento psicossocial, com 1 hora de duração, realizados entre março e julho de 2015. A equipe de atendimento foi composta de psicóloga, assistente social, educadora social e estagiária de psicologia. Foi possível observar durante os encontros o prejuízo da comunicação verbal através de silêncios excessivos, de reticências e um acordo inconsciente, por parte de todos, em não abordar assuntos relacionados ao ato infracional cometido. Entre os adolescentes, há uma apreensão em reviver, através do compartilhamento de experiências de vida, a situação de violência a que submeteram outros indivíduos ou foram submetidos. Entende-se que embora os adolescentes não estejam indiferentes em relação ao seu desenvolvimento humano e cidadania e ao cumprimento da medida socioeducativa, contudo eles têm dificuldades em refletir sobre os motivos pelos quais estão em situação de conflito com a lei, reconhecer potencialidades em si e nos outros e elaborar formas de enfrentamento com uma conduta ética. Diante do exposto, a equipe visou estimulá-los em grupos ao desenvolvimento de autonomia para um protagonismo social saudável e dentro da lei, pois eles têm por direto constitucional receber um serviço de atendimento psicossocial protetivo e oportunidade de transformação social. Nesse cenário, a abordagem de grupos é muito eficaz para adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, refletindo sobre os diferentes atos infracionais cometidos em vistas à promoção da ressocialização. Pois assim, em conjunto, eles têm a possibilidade de elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros, como assinala Bastos (2010). O entendimento do comportamento de adolescentes que infringiram a lei é também um desafio para a equipe de trabalho, a qual deve compreender os sinais que os adolescentes estão emitindo, o que permite superá-los para avançar no processo de atendimento psicossocial.

Violência Doméstica: Um grupo Psicoterapêutico com Agressores Conjugais

Micheli Casia Piccinini[1], Monica Mariana Echer[2], Álvaro Cielo Mahl[3]

[1] *Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, Pinhalzinho, SC, Brasil*

Esta pesquisa adentra sobre o problema da violência conjugal, discutindo o perfil do agressor e vítima, fatores que estão associados à essa agressão, as consequências físicas e psicológicas que a vítima sofre e algumas alternativas de tratamento para os agressores da violência. O objetivo deste artigo foi verificar a eficácia de um grupo psicoterapêutico com agressores conjugais, tendo 5 participantes, agressores denunciados por suas parceiras. Realizou-se uma entrevista inicial com os agressores para obter um perfil dos mesmos, e para avaliar o trabalho aplicou-se a Escala de Táticas De Conflito, antes e após a intervenção, nas companheiras dos agressores; no final os agressores ainda responderam o Questionário de Satisfação com o Tratamento e a Entrevista de Avaliação da intervenção Psicológica. No perfil dos agressores, evidenciou-se que os mesmos minimizam o comportamento agressivo e responsabilizam a mulher pelas agressões, que por sua vez revelam serem vítimas de violência física e psicológica. Após a realização do grupo psicoterapêutico detectou-se uma redução dos níveis de violência verbal/emocional e física, com incremento de formas não violentas de resolução de conflitos. Demonstra-se assim, a importância do desenvolvimento de estratégias interventivas visando à proteção da vítima e a prevenção da reincidência em crimes de violência conjugal.

Criminologia – O Cárcere da Ilha Grande

Newvone Ferreira da Costa

Centro Universitário Augusto Motta

A Ilha Grande no município de Angra dos Reis no Rio de Janeiro que é lugar paradisíaco foi na década 70 o paraíso que se tornou um dos lugares mais temidos do Brasil. A Ilha Grande foi transformada em Ilha cárcere ou masmorra, todos os presos temiam a fama daquele lugar: além de ser praticamente impossível fugir de lá, o tratamento prisional era um dos piores. Todas as prisões em ilhas são um isolamento social e são destinadas aos presos mais perigosos, pois são lugares extremamente difíceis de fugir. Não era diferente na Ilha Grande. Importante ressaltar que o tratamento dispensado aos presos na ilha nos lembra de Michel Foucault, pois ele aponta a historização do castigo das prisões a partir

de um sistema de punição e de suplício. Assim a prisão da Ilha Grande passou a ser altamente punitiva, uma masmorra ditatorial. Ressaltamos que a Ilha recebeu presos políticos na época da ditadura; deste modo o perfil do preso da Ilha tinha dois aspectos: homens militantes do partido de esquerda e presos de classe mais empobrecida. Devido a essa história tão peculiar O Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), com a disciplina de criminologia psicossocial passou a fazer aulas técnicas in loco com os alunos que têm interesse nesse assunto. Já faz oito anos que proporcionamos essas aulas técnicas. Temos como objetivo analisar e refletir o período de cárcere da ilha, mostrando as formas de punição e teorias criminológicas aplicadas no cárcere na Ilha Grande. Além disso, buscamos estimular o interesse dos alunos de Serviço Social, Psicologia e Direito pelo estudo do pensamento criminológico. O método didático aplicado é baseado em aulas expositivas de professores de diversas áreas com experiência no assunto, visando a uma ampliação de conhecimentos sobre criminologia. Este projeto esta sendo desenvolvido pelo curso de Serviço Social e acontece uma vez ao ano. Utilizamos apostilas com a história e curiosidades do cárcere na Ilha Grande. Para o aluno, esta experiência tem sido bastante importante para aprendizagem. Nesses oito anos o projeto já alcançou aproximadamente 500 alunos de diversos cursos e também de outras universidades. Esse projeto faz com que os alunos tenham uma visão do que é/era o cárcere.

A Eficácia do Teste Roscharch na Produção de Provas em Processos que Envolvem Acusação de Abuso Sexual

Patrícia Carla Barazetti[1]

[1] *Universidade de Passo Fundo, BR 285 Km 171, Passo Fundo, RS, Brasil*

O presente estudo refere-se a Assessoria Técnica prestada em um Processo Crime, motivado por uma acusação de abuso sexual envolvendo uma menina de quatro anos, onde não havia sinais ou sintomas físicos da ocorrência desta violência, e demostra a importância do uso do Teste Roscharch como instrumento de produção de provas a fim de instruir o Processo. O objetivo do estudo é apresentar a importância da produção de provas através da aplicação do Teste Roscharch, em Processos relacionados ao abuso sexual onde as provas periciais são determinantes no julgamento do feito. Trata-se de uma acusação de Abuso Sexual de uma menina de quatro anos, filha de pais divorciados de forma consensual, tendo guarda compartilhada da criança, onde a mãe acusa o pai deste feito após o mesmo ter iniciado novo relacionamento. A Assessoria Técnica estava a serviço da defesa do acusado. A metodologia esteve baseada na utilização do Teste

Roscharch em dois momentos do Processo, no primeiro momento o acusado submeteu-se voluntariamente a avaliação utilizando como instrumento principal o Teste Roscharch, a fim de constatarmos o perfil de personalidade do mesmo e seu funcionamento psíquico, ou seja, procuramos principalmente dados relacionados à sexualidade do sujeito. A avaliação foi realizada por profissional capacitada, indicada pela Assistente Técnica a fim de manter a neutralidade da apreciação e do trabalho a ser realizado. Juntado ao Processo o Laudo referente à Avaliação Psicológica do acusado, solicitamos ao magistrado nomeação de perita para que fosse realizada avaliação, utilizando como instrumento o Teste Roscharch, na criança, já com seis anos de idade. Os achados em Teste Roscharch relacionados ao funcionamento psíquico do acusado resultaram nos seguintes apontamentos: *"Não evidenciou conflitos em testes sensíveis a problemas com a sexualidade, o que é um achado incomum em abusadores sexuais". "Os achados e a história clínica excluem a presença de um transtorno mental do tipo psicótico, distúrbios do humor, de ansiedade, de identidade de gênero, psicopatia ou outro transtorno de personalidade."* Os achados em Teste Roscharch, relacionados ao funcionamento psíquico da menina, resultam nos seguintes apontamentos: *"aparecem ambivalência e disfunção na percepção, tanto da figura paterna quanto da figura materna." "Ainda o teste Roscharch traz com clareza a presença de conflito de lealdade com a figura materna, resultando-lhe disso uma vivência de estar a serviço das ansiedades maternas depositadas nela, e nesse sentido a menina pode estar sendo usada na competição que existe entre as figuras materna e paterna."* Conforme o exposto acima, que resultou na absolvição do acusado e na negativa da acusação, considera-se, desta forma, que o teste Roscharch é um instrumento importante na produção de provas onde o curso do Processo se definirá através de provas periciais. Por ser uma técnica projetiva e de difícil manipulação por parte do avaliado, torna-se fundamental para apontar o funcionamento psíquico dos avaliados, amparando o magistrado de forma eficaz no julgamento do Processo.

Leitura de Desenhos de um *Serial Killer*

Graciela Ormezzano[1], Liane Zart Arruda[2], Patrícia Carla Barazetti[1]

[1] *Universidade de Passo Fundo – BR 285 KM 171 Passo Fundo -RS*

[2] *Sem vínculo Institucional*

Este estudo apresenta o resultado da avaliação dos desenhos produzidos por um sujeito com comportamento marcado por conduta homicida em série do tipo *serial killer,* de acordo com os laudos psicológico e psiquiátrico, incluído na categoria diagnóstica de

Transtorno de Personalidade Anti-Social. O objetivo do estudo foi mostrar os significados dos desenhos que fazem parte do processo judicial que foram encontrados com o réu no ato da prisão. Trata-se de um rapaz solteiro, brasileiro,de 26 anos de idade, profissão pintor, atualmente preso por doze homicídios de meninos e necrofilia pedofílica em três. A metodologia utilizou dados visuais (desenhos) e uma entrevista realizada com o sujeito. Foram coletadas as informações pessoais sobre os significados que o entrevistado atribuiu aos desenhos, fundamentalmente, o significado do que se produziu visualmente e o seu valor simbólico. Enquanto a palavra tem um significado mais compreensível, os símbolos são difíceis de verbalizar, mas a imagem colabora com o processo de trazer os conteúdos inconscientes para o consciente. A interpretação dos desenhos foi feita através de duas leituras, uma do próprio autor, que referiu gostar de desenhar, mas que o faz somente quando tem "sonhos ou *flashes*", e outra, com base na Leitura Transtextual Singular de Imagens proposta por Ormezzano (2009). Considerou-se nesta forma de compreensão: o suporte e o material do desenho, os aspectos compositivos da linguagem visual, a simbologia espacial, a simbologia das cores, as referências do imaginário e uma síntese das autoras. O caso em questão conforme o DSM-IV , apresenta 6 critérios de 7 para o diagnóstico (falta de empatia, desrespeito a normas, incapacidade para relacionamentos persistentes, baixa tolerância a frustração, não sente culpa, irritabilidade). As características deste serial killer são que acompanhava noticiários sobre os crimes, mantinha arquivo mental com informação detalhada sobre suas ações, nutria sentimento de superioridade, havia caráter repetitivo nas ações deixando como assinatura um golpe de *Muay Thai.* Foi constatada a semelhança entre esta avaliação e os laudos psiquiátrico e psicológico. Considera-se, finalmente, que os desenhos do réu apresentaram características que podem corresponder a uma pessoa bastante agressiva e ansiosa, com dificuldades de relacionamento e convívio social, com certa tendência obsessiva a representações ligadas ao fascínio da morte, do mando ou do poder e à exaltação da sexualidade. Embora durante a entrevista tenha aparentado ser uma pessoa tranqüila, com boa vontade para responder ao que era questionado, por momentos mostrou-se com as têmporas latejantes e sudorese, bastante confuso em relação ao tema dos sonhos, referindo dificuldades para dormir, o que pode resultar de sentimentos de medo em relação à sombra, ao inconsciente e à morte; apega-se ansiosamente à consciência diurna, imaginando que, de certo modo, o inconsciente poderá revelar-lhe algo que não quer conhecer. A atividade de desenhar continuou ainda na prisão, sendo realizada nas paredes da cela.

Trabalhos premiados com menção honrosa

Casuística envolvendo Vestígios Psicológicos ou Comportamentais na Cena de Crime

Cássio Thyone Almeida de Rosa

Leitura de Desenhos de um *Serial Killer*

Graciela Ormezzano, Liane Zart Arruda, Patrícia Carla Barazetti